

PLANTAS MEDICINAIS USADAS PELA COMUNIDADE DO POVOADO DE LAÇOS (TANHAÇÚ/BAHIA) E ENCONTRADAS NA FLORESTA NACIONAL CONTENDAS DO SINCORÁ¹

SANDRA LÚCIA DA CUNHA E SILVA^{2*}, SIMONE ANDRADE GUALBERTO², GUADALUPE EDILMA LICONA MACEDO², THIARA CARVALHO DA SILVEIRA³, DÉBORA CARDOSO DA SILVA²

RESUMO - Em virtude da pressão exercida sobre a biodiversidade, devido ao seu uso de forma não sustentável, especialmente no bioma Caatinga, e da necessidade de se resgatar o conhecimento popular, é que foi desenvolvida essa pesquisa, visando realizar um levantamento das plantas medicinais utilizadas pela comunidade do povoado de Laços, município de Tanhaçú, Bahia, e identificar, dentre essas, as espécies que são encontradas na Floresta Nacional Contendas do Sincorá, Município de Contendas do Sincorá, Bahia. A coleta dos dados foi realizada através de entrevistas, tendo como instrumento o uso de questionários. As espécies vegetais citadas pela comunidade e, posteriormente, encontradas na Unidade de Conservação foram coletadas e encaminhadas para identificação. Foram citadas pela comunidade 92 espécies de plantas utilizadas para fins medicinais, das quais apenas 10,9% foram encontradas na Floresta Nacional de Contendas do Sincorá e, dentre elas, a espécie *Bidens pilosa*, conhecida como carrapicho de agulha, foi a mais citada (52,4%), seguida da *Amburana cearensis* (27,7%), popularmente conhecida como umburana macho. O trabalho demonstrou que a comunidade alvo do estudo utiliza muitas plantas medicinais para o tratamento das suas enfermidades, entretanto, poucas espécies citadas foram encontradas na Floresta Nacional Contendas do Sincorá.

Palavras-chave: Caatinga. Unidade de conservação. Plantas medicinais.

MEDICINAL PLANTS USED BY THE LAÇOS COMMUNITY (TANHAÇU/BAHIA) AND FOUND IN THE NATIONAL FOREST CONTENDAS DO SINCORÁ

ABSTRACT - Given the pressure on biodiversity, due to its use in an unsustainable way, particularly in the Caatinga biome, and the need to restore the popular knowledge, is that this paper was developed in order to conduct a survey of medicinal plants used by the community of Laços, Tanhaçú, in the state of Bahia. And identify, among these, those species that are found in the National Forest Contendas Sincorá, the city of Contention Sincorá, Bahia. The data collecting was done through interviews, having as a tool the use of questionnaires. The vegetal species mentioned by the community and found in the Conservation Unit were collected and sent for identification. The community were cited 92 species of plants used for medicinal purposes, of which only 10.9% were found in the conservation area and, among them, the species *Bidens pilosa*, known as "carrapicho de agulha", was the most cited (52.4%), followed by *Amburana cearensis* (27.7%), popularly known as "umburana macho". The paper showed that target community of the study uses many medicinal plants to treat their illnesses, however, few species were found in the National Forest Contendas do Sincorá.

Keywords: Caatinga. Conservation-unit. Medicinal plants.

*Autor para correspondência.

¹Recebido para publicação em 26/04/2011; aceito em 09/02/2012.

²Docentes da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/Campus de Itapetinga, Praça Primavera, 40, Primavera, 45700-000, Itapetinga, BA; cunhasl@gmail.com; sagualberto@yahoo.es; gmacedo_3@yahoo.com.br; dcardoso_rj@hotmail.com

³Bolsista de Iniciação Científica da FAPESB. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/Campus de Itapetinga, Praça Primavera, 40, Primavera, 45700-000, Itapetinga, BA; thiara.silveira@bol.com.br

INTRODUÇÃO

O Brasil abriga uma das floras mais ricas do globo, conforme destacado por Alves et al. (2007), estimada em aproximadamente 20% do número total do planeta (CALIXTO, 2003) e sendo considerado o maior em número de espécies endêmicas (BARREIRO; BOLZANI, 2009), contudo a sua biodiversidade não é conhecida com precisão, tamanha a sua complexidade, segundo Simões e Schenkel (2002).

No que diz respeito às plantas medicinais, Simões e Schenkel (2002) também ressaltam que embora as plantas brasileiras sejam altamente promissoras são pouco conhecidas e muitos dos fitoterápicos utilizados pelos profissionais de saúde brasileiros foram desenvolvidos na Europa ou na América do Norte. Para Veiga Junior (2008), nos poucos estudos etnofarmacológicos conduzidos no Brasil os relatos de uso de plantas exóticas é maior do que os relatos com plantas nativas. Maciel et al. (2002) destacam que ainda hoje, no Brasil, as plantas medicinais constituem o único recurso terapêutico de diversas comunidades.

Para Albuquerque e Hanazaki (2006) a etnobotânica e a etnofarmacologia são poderosas ferramentas na busca por substâncias naturais bioativas, e embora ressaltem alguns fatores limitantes, tais como a dificuldade em coletar informações que sejam fidedignas, bem como o aspecto ético que envolve o acesso ao conhecimento tradicional, consideram que as informações sobre as plantas medicinais podem ser obtidas de maneira mais efetiva através do uso dessas ferramentas.

No que diz respeito ao bioma alvo desse estudo, a que se avançar também no conhecimento sobre a flora da Caatinga, representando 70% da região nordeste e 11% do território nacional. No entanto, esse bioma vem sofrendo intensa degradação e algumas de suas espécies encontram-se ameaçadas de extinção, de acordo com a lista oficial de espécies ameaçadas de extinção (BRASIL, 2008).

Segundo Albuquerque e Andrade (2002a) estudos etnobotânicos na região do semiárido brasileiro são ainda muito escassos e, ao mesmo tempo, diversos fatores, como os processos de aculturação econômica e social, reduzem as possibilidades de desenvolvimento sustentável com base nas experiências locais.

Diante do exposto esse trabalho teve como objetivo realizar um levantamento das plantas medicinais usadas pela comunidade do povoado de Laços, município de Tanhaçú – Bahia, com foco nas espécies encontradas na Floresta Nacional Contendas do Sincorá, localizada no município de Contendas do Sincorá, BA.

Esse estudo compõe uma das etapas de um projeto interdisciplinar que está sendo desenvolvido por pesquisadores, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, visando selecionar as espécies ve-

getais encontradas na Floresta Nacional de Contendas do Sincorá, utilizadas pela comunidade local, com potencial para o desenvolvimento de novos bioprodutos.

MATERIAL E MÉTODOS

Inicialmente o projeto foi submetido ao Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade (SISBIO), visando à obtenção de autorização para a coleta de material botânico na Floresta Nacional de Contendas do Sincorá e ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), com o objetivo de obter autorização para a realização das entrevistas junto à comunidade que vive nos municípios limítrofes dessa Unidade de Conservação (UC).

Após aprovação foi feito um contato com o mateiro, funcionário da UC e membro da comunidade, que atuou como intermediário entre a comunidade e os pesquisadores. Posteriormente, foram realizadas quatro visitas (três no município de Tanhaçu e uma no município de Contendas do Sincorá) com o objetivo de eleger os locais onde seriam feitas as entrevistas no decorrer da realização do projeto (quatro anos).

Entre os locais eleitos para a realização das entrevistas encontra-se o povoado de Laços, alvo desse estudo, situado no município de Tanhaçu, o qual faz divisa, entre outros municípios, com Contendas do Sincorá, onde se situa a Floresta Nacional Contendas do Sincorá, uma Unidade de Conservação de uso sustentável, criada através do Decreto s/n, de 21 de setembro de 1999 (BRASIL, 1999).

O povoado de Laços é composto por, aproximadamente, 2000 habitantes e 600 residências, a fonte de renda da população vem do trabalho da roça e da produção de manga (ALVES et al., 1998).

Para a realização das entrevistas, inicialmente foi feito um contato com o Agente Comunitário de Saúde da comunidade do Povoado de Laços, contato esse intermediado pelo mateiro da Floresta Nacional de Contendas do Sincorá, o qual possibilitou uma maior interação entre os pesquisadores e a comunidade que seria entrevistada.

Foram escolhidos para responder as perguntas o adulto responsável pela família, independente do sexo. As entrevistas foram realizadas através do auxílio de um questionário semiestruturado, com perguntas abertas e fechadas, onde foram abordados os seguintes aspectos: informações sobre as plantas utilizadas pelos entrevistados (coleta, parte utilizada, posologia, indicações e preparo), bem como a origem desse conhecimento e o repasse do mesmo. O presente estudo foi desenvolvido no período compreendido entre março de 2008 e agosto de 2009.

A cada morador visitado fez-se uma explanação dos objetivos da pesquisa e se os mesmos teriam interesse em participar, de acordo com a Resolução

nº 196, de 10 de outubro de 1996, que determina as diretrizes e normas regulamentadoras para o desenvolvimento de pesquisa que envolva seres humanos (BRASIL, 1996).

Ao todo foram feitas 125 entrevistas, realizadas por um processo não probalístico e por acessibilidade, onde foi entrevistado o membro da comunidade que era encontrado na residência e que se colocava a disposição para a entrevista. Após a tabulação e análise dos dados, as espécies citadas pelos entrevistados e encontradas na Floresta Nacional Contendas do Sincorá, de acordo com a informação fornecida pelo mateiro dessa Unidade de Conservação, foram fotografadas, filmadas e, posteriormente, coletadas.

A metodologia utilizada para a coleta do material botânico foi a proposta por Mori et al. (1989). A identificação foi realizada por comparação com material depositado no herbário HUESB e por especialistas. Foi elaborada uma lista das espécies, ordenadas por família com o nome, número do coletor e determinador. No nível de família, as plantas foram arranjadas de acordo com o *Angiosperm Phylogeny Group II* (APG II, 2003). A grafia dos autores seguiu Brummit e Powell (1992). Os exemplares identificados foram depositados no Herbário da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/Campus de Jequié.

Todas as espécies coletadas tiveram as coordenadas geográficas dos pontos de coleta marcadas com o auxílio de um *Global Positioning System* (GPS). As demais plantas citadas pelos entrevistados não foram identificadas, haja vista que o foco da pesquisa compreendia apenas as plantas citadas que eram encontradas na Floresta Nacional Contendas do Sincorá.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos entrevistados, 89,6% pertenciam ao sexo feminino e 10,4 ao sexo masculino. Nesse aspecto dois fatores ocorridos durante a entrevista merecem destaque. Primeiro, o fato das entrevistas terem sido realizadas no período diurno. Portanto, nas casas que estavam abertas, cujo responsável pela família aceitou receber o entrevistador, em sua maioria, eram encontradas apenas a mulher, visto que, em geral, são elas as responsáveis pelos afazeres domésticos, sendo mais fáceis de serem encontradas nas residências, conforme destacado por Silva e Proença (2008). Segundo, nas residências onde era encontrado também o homem, responsável pela casa, a maioria direcionava a entrevista para a esposa, justificando a falta de conhecimento sobre o assunto.

Em um estudo realizado por Veiga Junior (2008), são as mulheres as maiores responsáveis pela preparação das plantas medicinais na família. Segundo o autor o baixo percentual de homens que realizavam as preparações, detectado no referido

estudo, pode estar relacionado também à facilidade de obtenção das plantas (domesticadas ou comercializadas), ficando, por ser de fácil acesso, a cargo da mulher. O autor ressalta, ainda, que quando se trata da utilização de espécies nativas selvagens, que são coletadas no interior da mata, portanto de difícil acesso, geralmente são os homens os responsáveis pela coleta, e, em alguns momentos, culminando, também, por preparar os extratos vegetais.

Em relação ao grau de escolaridade dos entrevistados, pode-se observar, em ordem decrescente, que 33,3% não ingressaram na escola, 25,0% possuem o Fundamental I incompleto, 12,0% Fundamental I completo, 12,0% o Ensino Médio completo, 7,4 o Fundamental II incompleto, 5,6% Ensino Médio incompleto, 3,70% Fundamental II completo e apenas 0,9% dos entrevistados conseguiram completar o nível superior.

Silva e Proença (2008) investigando a relação entre a presença de quintais nas residências, o número de plantas medicinais citadas e o grau de escolaridade observaram que o cultivo de plantas medicinais no quintal diminuiu à medida que aumenta o grau de escolaridade. Com relação aos fitoterápicos, segundo Harnack et al (2001), o uso aumenta nos países considerados de primeiro mundo entre indivíduos com um elevado nível de escolaridade, o mesmo comportamento, de acordo com Ribeiro et al (2005) também é encontrado em países em desenvolvimento, como o Brasil.

Dos entrevistados, 92,0% afirmaram que fazem uso das plantas com fins medicinais. Para eles os principais motivos que os levam à utilização das plantas, em ordem decrescente de citação, foram: a crença no poder curativo das plantas medicinais, similar aos alopáticos; por terem menos efeitos colaterais quando comparados aos remédios industrializados e por fim por ser uma prática tradicionalmente utilizada pela sua família.

Parente e Rosa (2001) ressaltam o crescente interesse pelas plantas medicinais, relacionando-o a percepção da população dos males advindos do uso excessivo de quimioterápicos. No que diz respeito ao interesse pelos fitoterápicos os autores destacam a carência de recursos dos órgãos públicos de saúde e os contínuos aumentos de preços dos medicamentos industrializados. No entanto, vale ressaltar também que pelo fato de ser a planta medicinal considerada um medicamento “natural”, não a exime de efeitos colaterais. Veiga Junior et al (2005) relatam a toxicidade de plantas medicinais, seja pelos efeitos adversos do fitomedicamento ou por ações sinérgicas. Parente e Rosa (2001) ressaltam a necessidade do cuidado com o manuseio e com a utilização das plantas medicinais em virtude de algumas plantas apresentarem substâncias consideradas tóxicas.

A partir dos dados obtidos pôde-se perceber uma grande aceitabilidade dos entrevistados com relação ao uso das plantas medicinais, sendo um indicativo para a realização de um estudo que vise à

implantação de um programa estatal de saúde que envolva a utilização de plantas com fins terapêuticos. A Portaria nº 971, que dispõe sobre a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde, ressalta que a partir da década de 80 foram elaborados diversos documentos relacionados com a introdução de plantas medicinais e fitoterápicos na atenção básica de saúde do sistema público, a exemplo do relatório do Seminário Nacional de Plantas Medicinais, Fitoterápicos e Assistência Farmacêutica, elaborado em 2003 (BRASIL, 2006).

Com relação à forma de aquisição do conhecimento sobre o uso das plantas medicinais, citado em ordem decrescente pelos entrevistados, 48,8% adquiriram esse conhecimento dos pais, 24,8% dos avós e os demais entrevistados adquiriram dos amigos ou pessoas conhecidas (26,3%).

Com base nestes resultados é possível observar que o conhecimento sobre o uso das plantas medicinais é repassado, na sua grande maioria, entre as gerações, permanecendo no seio familiar. Resultados similares foram encontrados por Veiga Junior (2008), onde um maior percentual de entrevistados disse ter adquirido esse conhecimento através da família, parentes ou amigos próximos. O autor ressalta, ainda, que apenas um pequeno percentual adquiriu esse conhecimento por indicação de profissionais da área de saúde.

No que diz respeito à indicação de plantas medicinais por parte dos entrevistados que afirmaram utilizá-las, 71,3% costuma indicar o seu uso, justificando que é necessário transmitir esse conhecimento, já que tem efeito comprovado na prática, vivenciada ao longo de diversas gerações. Contudo, 28,7% dos entrevistados afirmaram não indicar o uso de plantas medicinais. Destes, 30,3% alegaram o fato de ser um conhecimento comum, não havendo necessidade de indicação; 24,2% por conta do preconceito das pessoas em relação aos medicamentos a base de plantas, pois acreditam mais no efeito dos medicamentos sintéticos; 15,1% dos entrevistados destacaram os riscos de se indicar medicamentos, mesmo sendo natural; 6,1% não indicam porque ninguém solicita tais informações; e 24,2% alegaram não haver nenhum motivo, apenas não têm o hábito de indicar o uso de plantas com fins medicinais.

Os entrevistados citaram um total de 92 espécies de plantas utilizadas para fins medicinais, sendo as folhas a parte da planta mais utilizada (58,5%), seguida da casca do caule (8,4%) e da raiz (7,7%), além de também serem utilizadas as sementes (6,4%), toda a planta (5,9%), a flor (5,9%), o fruto (4,0%), o caule (2,2%) e o bulbo (1,2%).

No que se refere ao modo de preparo para a obtenção das propriedades medicinais das plantas, verificou-se que a decocção é a forma mais utilizada pela comunidade (81,4%), seguida da infusão (5,1%), do suco (4,9%), da maceração (4,5%), do sumo (2,6%), do cataplasma (0,8%) e do unguento

(0,6%).

É importante destacar que os métodos de extração utilizados para a obtenção dos princípios ativos devem ser levados em consideração, haja vista que diversos estudos têm demonstrado uma relação entre o aumento ou o decréscimo de substâncias ativas extraídas das plantas com o modo de obtenção dos extratos.

Em um estudo realizado por Dias et al. (2000), com o objetivo de verificar o efeito nematos-tático ou nematocida de extratos aquosos de plantas medicinais, os autores observaram que os obtidos por maceração tiveram um efeito nematocida maior do que os obtidos por infusão. Vale ressaltar que alguns fatores podem interferir no processo de obtenção de substâncias ativas extraídas de plantas, a exemplo do calor, que embora possa reduzir o tempo destinado a extração, nem sempre poderá ser empregado, em virtude da instabilidade de muitas substâncias a uma temperatura elevada.

No que diz respeito às plantas medicinais citadas pela população e encontradas na Floresta Nacional de Contendas do Sincorá, foco desse estudo, foram citadas 10 espécies, correspondendo a 10,9% do total das plantas utilizadas pela comunidade, cuja parte da planta utilizada, indicação e modo de preparo estão listados na Tabela 1.

Das plantas encontradas na UC, a mais citada foi a espécie *Bidens pilosa*, conhecida como carrapicho de agulha, correspondendo a 52,4% das citações. Essa espécie é utilizada pela população para o tratamento de inflamação no útero, cistite, hepatite, problemas renais, gastrite, cólica intestinal, prurido e dor de dente. A raiz foi a parte anatômica mais utilizada pelos entrevistados, seguida da folha, da planta toda e da parte aérea. Com a relação ao modo de preparo a decocção foi a mais citada pelos entrevistados.

A outra espécie mais citada, após *Bidens pilosa*, foi *Amburana cearensis* (27,7%), popularmente conhecida como umburana macho. A população estudada a utiliza em casos de má digestão, diarreia e cólica intestinal, assim como em casos de mordida de cobra e como cicatrizante. A parte anatômica mais utilizada foi a semente, seguida do fruto, da casca do caule e da folha. Com relação ao modo de preparo a decocção também foi a mais citada, seguida da maceração e da infusão.

Segundo Canuto e Silveira (2006) *Amburana cearensis* é uma espécie nativa do sertão nordestino, embora seja encontrada em quase toda a América do Sul. Essa espécie é amplamente empregada na carpintaria e perfumaria e do ponto de vista da medicina popular a casca do caule é utilizada para enfermidades ligadas ao aparelho respiratório. No entanto, nesse estudo, a comunidade de Laços a utiliza para o tratamento de enfermidades ligadas ao sistema digestório, como cicatrizante e em casos de mordida de cobra

Seguindo a ordem decrescente de citação temos *Libidibia ferrea* (4,9%), localmente conhecida

Tabela 1. Plantas medicinais utilizadas pela comunidade do Povoado de Laços e encontradas na Floresta Nacional Contendas do Sincorá, BA.

Família/ Espécie/DH	Nome popular	Nº. de citações	Parte utilizada	Indicações	Modo de preparo (Forma de uso)
Anacardiaceae					
<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	Aroeira	1	Casca	Cicatrizante	Decocção (chá)
Asteraceae					
<i>Bidens pilosa</i> L.	Carrapicho de agulha	32	Folha, raiz e toda a planta,	Inflamação no útero, cistite, hepatite, problemas renais, gastrite, cólica intestinal, anti-inflamatório, prurido, dor de dente	Decocção (chá), Infusão (chá), Decocção (banho de assento), Ungüento, Suco.
Convolvulaceae					
<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Urb.	Batata Jalapa	1	Raiz	Vermífuga	Sumo
Euphorbiaceae					
<i>Croton echinoides</i> Baill.	Catinga de porco	1	Casca	Má digestão	Decocção (chá)
Fabaceae					
<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C. Smith	Umburana macho	17	Semente, fruto, casca e folha	Má digestão, diarreia, cólica intestinal, cicatrizante, mordida de cobra	Decocção (chá), Infusão (chá), Maceração (chá)
<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. ex Tul.) L.P. Queiroz	Pau ferro mirim	3	Casca	Fígado, estômago, intestino	Decocção (chá)
<i>Mimosa hostilis</i> Benth.	Jurema preta	1	Casca	Anti-inflamatório	Decocção (chá)
Moraceae					
<i>Dorstenia brasiliensis</i> Lam.	Contra-erva	2	Raiz	Diarreia	Decocção - "após torrar e pisar" - (chá)
Nyctaginaceae					
<i>Boerhavia hirsuta</i> L.	Pega-pinto	1	Raiz	Dor de barriga	Maceração (chá)
Rhamnaceae					
<i>Ziziphus joazeiro</i> Marth.	Juazeiro	2	Folhas	Dentição, diarreia	Decocção (chá)

como pau ferro mirim. Essa espécie é utilizada pela comunidade em distúrbios relacionados com o fígado, o estômago e o intestino. A casca do caule é a parte anatômica utilizada e a decocção a forma de preparo.

Foram citadas também as espécies *Dorstenia brasiliensis* (3,3%), conhecida como contra-erva e a espécie *Ziziphus joazeiro* (3,3%), o juazeiro. Com relação a primeira a população a utiliza para problemas de diarreia, a parte anatômica usada é a raiz e a

forma de preparo a decocção. No que diz respeito à segunda espécie a comunidade a utiliza para problemas também de diarreia, assim como em casos relacionados com problemas da dentição. A parte anatômica usada é a folha e a forma de preparo a decocção.

As espécies *Schinus terebinthifolia* (1,6%), *Operculina macrocarpa* (1,6%), *Croton echiodes* (1,6%), *Mimosa hostilis* (1,6%) e *Boerhavia hirsuta* (1,6%) foram as menos citadas pelos entrevistados.

O chá da casca do caule da aroeira (*Schinus terebinthifolia*), obtido através do processo de decocção, foi citado pelos entrevistados por sua atividade cicatrizante. Em um estudo realizado por Gonçalves et al. (2005), foi constatada a atividade antimicrobiana dessa espécie sobre *Staphylococcus aureus*.

A espécie *Operculina macrocarpa*, conhecida como batata jalapa, foi citada como vermífuga, através do sumo obtido da raiz das plantas. A catinga de porco (*Croton echiodes*) é usada em casos relacionados com problemas digestórios, tomando-se o chá obtido através da decocção da casca do caule. Já a maceração da raiz da espécie *Boerhavia hirsuta* é utilizada em casos de dor de barriga.

A casca do caule de *Mimosa hostilis* (jurema preta) é usada pelos entrevistados em processos inflamatórios e infecciosos, cujo preparo é feito através da decocção. Guimarães-Beelen et al. (2006), observaram o efeito inibitório dos taninos encontrados em três espécies, entre elas a *Mimosa hostilis*, sobre o crescimento e a atividade enzimática de *Ruminococcus flavefaciens*, bactéria celulolítica. Os autores ressaltam que essas espécies estudadas são amplamente utilizadas no semiárido como forrageira e que a sua ingestão, devido a esse efeito inibitório, pode vir a ocasionar perdas significativas na produção animal.

De todas as citações referentes às partes anatômicas das plantas utilizadas pelos entrevistados, encontradas na Floresta Nacional Contendas do Sincorá, 35,6% corresponderam à raiz, sendo que destas 80,9% estão relacionadas à utilização da espécie *Bidens pilosa*, 9,5% a espécie *Dorstenia brasiliensis*, seguidas das espécies *Operculina macrocarpa* (4,8%) e *Boerhavia hirsuta* (4,8%).

É importante refletir sobre o fato de que a exploração inadequada de espécies de interesse farmacológico poderá levá-las a uma situação de vulnerabilidade, não apenas devido à parte anatômica da planta utilizada, mas, sobretudo, se a sua demanda for muito grande e se a prática de coleta não for adequada.

Segundo Albuquerque e Andrade (2002b) o comércio de plantas com propriedades medicinais causa uma forte pressão sobre essas espécies, visto que, na maioria das vezes, são utilizadas técnicas de coleta inadequadas, seja pelo desconhecimento ou pela falta de compromisso no momento em que ela é realizada. Nesse contexto, para que tal utilização ocorra de forma sustentável, sobretudo no que diz

respeito às plantas silvestres, faz-se necessário o resgate do conhecimento da comunidade local sobre o uso da flora e a análise do impacto dessas práticas sobre a biodiversidade, conforme citado por Albuquerque e Andrade (2002a), dando, dessa forma, subsídios para a elaboração de programas que visem minimizar o impacto dessa atividade.

CONCLUSÃO

Os dados obtidos demonstram que a comunidade de Laços utiliza um grande número de espécies vegetais para fins medicinais, contudo das plantas medicinais citadas pela comunidade apenas 10,9% são encontradas na Floresta Nacional Contendas do Sincorá. Das espécies utilizadas pelos entrevistados e encontradas na Unidade de Conservação, a espécie *Bidens pilosa* foi a mais citada seguida da *Amburana cearensis*.

AGRADECIMENTO

À Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) pelo financiamento desse estudo e pela bolsa de Iniciação Científica (IC) concedida.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, P. U.; ANDRADE, H. C. L. Uso de recursos vegetais da Caatinga: o caso do agreste do estado de Pernambuco (nordeste do Brasil). **Interciência**, v. 27, n. 7, p. 336-346, 2002a.
- ALBUQUERQUE, P. U.; ANDRADE, L.C.H. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de Caatinga no estado de Pernambuco, nordeste do Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 273-285, 2002b.
- ALBUQUERQUE, U. P.; HANAZAKI, N. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, Curitiba, v. 16, p. 678-689, 2006.
- ALVES, R. R. N. et al. Utilização e comércio de plantas medicinais em Campina Grande, PB, Brasil. **Revista Eletrônica de Farmácia**, Goiânia, v. 4, n. 2, p. 175-198, 2007.
- ALVES, P. C. et al. A experiência da esquistossomose e os desafios da mobilização comunitária. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, RJ, v. 14, n. 2, p. 79-90, 1998.
- APG II. An update of the Angiosperm Phylogeny

Group classification for the orders and families of flowering plants: APG II. **Botanical Journal of the Linnean Society**, v. 141, p. 399-436, 2003.

BARREIRO, E. J.; BOLZANI, V. S. Biodiversidade: fonte potencial para a descoberta de fármacos. **Química Nova**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 679-688, 2009.

BRASIL. **Decreto s/n, de 21 de setembro de 1999**. Disponível em: http://www.ibama.gov.br/siucweb/mostraDocLegal.Php?seq_uc=1245&seq_finalidoc=7. Acesso em: junho de 2009.

BRASIL. **Resolução N° 196, de 10 de outubro de 1996**. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/docs/Resolucoes/Reso196.doc>. Acesso em: setembro de 2009.

BRASIL. **Portaria n° 971, de 3 de maio de 2006**. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/PNPIC.pdf>. Acesso em: setembro de 2009.

BRASIL. **Instrução Normativa n° 6, de 23 de setembro de 2008**. Dispõe sobre as espécies da flora brasileira ameaçadas de extinção.

BRUMMITT, R. F.; POWELL, C. E. **Authors of plant names**. Kew: Royal Botanic Gardens, 1992. 732 p.

CALIXTO, J. B. Biodiversidade como fonte de medicamentos. **Ciência e Cultura**, Campinas, v. 55, n. 3, p. 37-39, 2003.

CANUTO, K. M.; SILVEIRA, E. R. Constituintes químicos da casca do caule de *Amburana cearensis* A.C. Smith. **Química Nova**, São Paulo, v. 29, n. 6, p. 1241-1243, 2006.

DIAS, C. R. et al. Efeito de extratos aquosos de plantas medicinais na sobrevivência de juvenis de *Meloidogyne incognita*. **Nematologia Brasileira**, Piracicaba, v. 24, n. 2, p. 203-210, 2000.

GIULIETTI, A. M. et al. Diagnóstico da vegetação nativa do bioma Caatinga. In: SILVA et al. (Org.). **Biodiversidade da caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação**. Brasília, Ministério do Meio Ambiente: Universidade Federal de Pernambuco, 2004. p. 48-77.

GONÇALVES, A. L.; ALVES FILHO, A. L. A.; MENEZES, H. Estudo comparativo da atividade antimicrobiana de extratos de algumas árvores nativas. **Arquivos do Instituto Biológico**, São Paulo, v. 72, n. 3, p. 353-358, 2005.

GUIMARAES-BEELEN, P. M. et al. Efeito dos taninos condensados de forrageiras nativas do semi-árido nordestino sobre o crescimento e atividade celulolítica de *Ruminococcus flavefaciens* FD1. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, Belo Horizonte, v. 58, n. 5, p. 910-917, 2006.

HARNACK, L. J.; RYDELL, S. A.; STANG, J. Prevalence of use of herbal products by adults in the Minneapolis/St Paul, Minn, metropolitan area. **Mayo Clinic Proceedings**, Minnesota, v. 76, p. 688-694, 2001.

MACIEL, M. A. M.; PINTO, A. C.; VEIGA JUNIOR, V. F. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. **Química Nova**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 429-438, 2002.

MORI, A. S. et al. **Manual de manejo do herbário fanerogâmico**. Ilhéus: Centro de Pesquisa do Cacau, 1989. 104 p.

PARENTE, C. E. T.; ROSA, M. M. T. Plantas comercializadas como medicinais no município de Barra do Piraí, RJ. **Rodriguésia**, Rio de Janeiro, v. 52, n. 80, p. 47-59, 2001.

RIBEIRO, A. Q.; LEITE, J. P. V.; DANTAS-BARROS, A. M. Perfil de utilização de fitoterápicos em farmácias comunitárias de Belo Horizonte sob a influência da legislação nacional. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, Curitiba, v. 5, p. 65-70, 2005.

SCHOBER, J. Preservação e uso racional do único bioma exclusivamente nacional. **Ciência e Cultura**, Campinas, v. 54, n. 2, p. 6-7, 2002.

SILVA, C. S. P.; PROENÇA, C. E. B. Uso e disponibilidade de recursos medicinais no município de Ouro Verde de Goiás, GO, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 481-492, 2008.

SIMÕES, C. M. O.; SCHENKEL, E. P. A pesquisa e a produção brasileira de medicamentos a partir de plantas medicinais: a necessária interação da indústria com a academia. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, Curitiba, v. 12, n. 1, p. 35-40, 2002.

VEIGA JUNIOR, V. F.; PINTO, A. C.; MACIEL, M. A. M. Plantas medicinais: cura segura? **Química Nova**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 519-528, 2005.

VEIGA JUNIOR, V. F. Estudo do consumo de plantas medicinais na Região Centro-Norte do Estado do Rio de Janeiro: aceitação pelos profissionais de saúde e modo de uso pela população. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, Curitiba, v. 18, n. 2, p. 308-313, 2008.